

RESUMO SIMPLES - EPIDEMIOLOGIA DE AGRAVOS E DOENÇAS
ENDÊMICAS EM POPULAÇÕES TRADICIONAIS DA AMAZÔNIA

**ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS DA MALÁRIA ENTRE OS POVOS
INDÍGENAS NO CONTEXTO AMAZÔNICO**

Elis Morais Rodrigues (lismorais4@gmail.com)

Aline Fernanda Pereira Da Silva (alinefps21@gmail.com)

Alinne Cristiny Amaral Prieto (alinnetwd10@gmail.com)

Camila Lima Soares (limamila768@gmail.com)

Samantha Pereira Caldas (samantha.caldas@uepa.br)

Introdução: A malária é uma doença infecto parasitária causada por um protozoário do gênero Plasmodium, na qual a transmissão ocorre por meio da picada do inseto Anophles darlingi. A enfermidade é bastante prevalente nas Américas, continente no qual o Brasil faz parte, sendo agravada ainda mais por questões socioeconômicas, climáticas, ambientais, entre outros. De acordo com o Ministério da Saúde, no ano de 2020 o quantitativo de infectados no Brasil foi de 145.188, sendo 99% dos casos concentrados na região Amazônica, acometendo também os povos indígenas, fator este, ligado muitas das vezes ao mapa do garimpo ilegal. Objetivos: Identificar na literatura existente aspectos relacionados à epidemiologia da Malária entre a população indígena no contexto amazônico. Método: O presente estudo trata-se uma Revisão Integrativa Literatura, com abordagem qualitativa, em que foi feita uma pesquisa bibliográfica nas bases de dados LILACS e MEDLINE utilizando os Descritores em Ciências da Saúde "Malária", "Povos indígenas" e

"Epidemiologia". Foram incluídos artigos completos, nos idiomas inglês e português, com recorte temporal de janeiro de 2018 a agosto de 2023, disponíveis na íntegra e gratuitamente. Foram excluídos os artigos que não abordassem o contexto amazônico e as publicações duplicadas. Resultados: Foram identificados 6 artigos que contemplavam o objetivo do estudo. Segundo os dados identificados, durante o período de 2007 a 2016, o município de Oiapoque no Amapá, registrou um total de 21.756 casos de malária, onde população indígena teve o maior número de casos em 2009, com 1.956 casos, resultando em uma taxa de incidência de 261 em 1.000 habitantes (1). Nos anos seguintes o número de casos diminuiu, mas em 2015 e 2016 a população indígena novamente teve mais casos, com uma taxa de incidência de 86 em 1.000 habitantes em 2015. O tipo de plasmódio mais comum durante todo o período foi o vivax, tanto entre indígenas quanto entre não indígenas. No entanto, nos anos de 2011 a 2013, houve um aumento nos casos de malária do tipo falciparum, principalmente na população não indígena. Em 2012 e 2015, houve um aumento nos casos de malária não falciparum entre a população indígena (2). Com relação aos principais fatores relacionados à ocorrência de casos de malária em populações indígenas, um estudo realizado no Amazonas, estado de maior concentração da população indígena no Brasil, comparou aspectos de incidência em população indígena e não-indígena e evidenciou que o sexo, idade, a parasitemia e escolaridade foram fatores expressivos em relação ao índice de casos de malária (3). O estudo identificou que a predominância da malária em indígenas do sexo masculino, aspecto que corrobora com os resultados encontrados em outros estudos realizados na Região Amazônica. Tal predomínio é relacionado à dinâmica social das comunidades indígenas e em um estilo de vida baseado no extrativismo e na agricultura familiar, que é predominantemente realizado por homens que conseqüentemente estão mais expostos ao contato com o vetor e o parasita (3). Outras literaturas apontam que as atividades de garimpagem e mineração provocam mudanças ambientais capazes de alterar a diversidade e a quantidade dos vetores da malária, ocasionando um aumento no risco de transmissão da doença (1). Essa realidade foi evidenciada em pesquisas que relacionaram a ocorrência de malária em áreas de mineração, considerando que tal prática acelerada a migração desordenada, levando as pessoas à exposição do vetor, favorecendo a perpetuação e o aumento da incidência. Outro fator importante a ser considerado diz respeito ao baixo nível de desenvolvimento socioeconômico indígena, com baixa renda e baixo nível de escolaridade, que podem produzir impactos na qualidade de vida e na

permanência da doença no meio social de forma endêmica (1). Conclusão: A partir dos dados analisados conclui-se que a Malária continua sendo uma doença prevalente, sobretudo em ambientes amazônicos, sofrendo grande influência do garimpo ilegal, deixando seu rastro de desmatamentos, poluição e doença por onde passa, invadindo inclusive os locais de vivência dos povos indígenas. A enfermidade acometendo tais povos podem ser muito mais prejudicial, tendo em vista a falta de serviços de saúde fixos na área, sendo um fator de dificuldade para o tratamento adequado e cura. Com isso, é perceptível a necessidade de uma fiscalização mais intensa nessas áreas, sendo um fator contribuinte para a saúde dos povos originários, auxiliando também no combate aos crimes ambientais.

Palavras-chave: malária; epidemiologia; povos indígenas.